

Convento de Cristo

Serviço de Educação e Animação

Quem te disse que não gostas de História?
Curso livre online de História elementar de Portugal
(8 aos 12 anos)



Bandeira de Portugal na época da Restauração

LIÇÃO N.º 30

Tema: A Restauração da Independência de Portugal
(1 Dezembro de 1640)



A Restauração da Independência,

As Causas

A resistência à “monarquia dualista” (dois reinos, um só rei) nunca deixou de existir em Portugal, a falta de cumprimento das promessas das Cortes de Tomar, em particular de Filipe II e Filipe III, trouxe novos adeptos à causa da Independência. A nobreza não gostava de ver os cargos que antes costumava ocupar, serem entregues a estrangeiros. A burguesia portuguesa estava empobrecida com a perda dos negócios, pela ocupação dos territórios ultramarinos e com as constantes pilhagens dos nossos navios. O povo estava cada vez mais pobre e sobrecarregado com impostos. Só o Clero não se manifestava, porque havia conflitos com os protestantes, na Europa, e não era tempo de pôr católicos contra católicos.

As Consequências

Com a Restauração da Independência, Portugal foi obrigado a fazer alianças e acordos com Inglaterra, França e Holanda, por causa das nossas Províncias Ultramarinas e pelo controlo das rotas marítimas necessárias ao comércio. Esses acordos consistiram num pesado encargo para as debilitadas finanças do Reino. Aos holandeses, para que desocupassem as terras do Brasil, fomos obrigados a oferecer algumas ilhas e pagar quatro milhões de Cruzados; aos franceses e ingleses, especialmente aos Ingleses, foram concedidas muitas vantagens económicas, o que significou de certa maneira, ficarmos dependentes deles. Em Portugal por causa das rivalidades que algumas famílias tinham com a Casa de Bragança, à qual o Rei pertencia, e pela incerteza que havia da reação de Espanha, que faria tudo para reaver Portugal, alguns nobres não apoiaram a Restauração e conspiraram contra D. João IV. A escolha foi arriscada, mas quem apoiou D. João IV acertou; quem escolheu Filipe IV e não fugiu para Espanha, pagou o seu erro com a própria vida. Em janeiro de 1641, os principais “conjurados contra D. João IV” foram executados no Rossio.



40 fidalgos invadem o Paço da Ribeira, onde estava a duquesa de Mântua, prima do rei de Espanha, e o seu secretário Miguel de Vasconcelos, um português que se colocara às ordens dos espanhóis. Após a rendição da duquesa, o povo de Lisboa vibrou de alegria gritando:
Liberdade! Liberdade!
Viva El-rei D. João IV de Portugal!

Margarida de Saboia, a Duquesa de Mântua.

Prima de Filipe IV de Espanha e bisneta de D. Manuel I, Margarida de Saboia foi nomeada vice-rainha de Portugal, em 1634, quando o “processo secreto” da Restauração da Independência já estava em curso.



No dia 1 de dezembro de 1640 não conseguiu evitar o assassinato do seu secretário, Miguel Vasconcelos (que foi atirado pela janela para o Terreiro do Paço e depois morto a tiro) e acabou presa, mas alguns dias depois foi autorizada a retirar-se para Espanha.

Guerra da Restauração

A designação de guerra talvez seja um pouco exagerada, porque nos vinte sete anos deste conflito entre Portugal e Espanha, apenas se registaram 5 batalhas.

Em 1640 os espanhóis ainda estavam ocupados com a “Guerra dos trinta anos” que desde 1618 opunha Espanha a França, Holanda, Alemanha e Inglaterra, guerra em que que nos vimos envolvidos enquanto fomos governados pelos espanhóis. Tratava-se de uma guerra política e religiosas entre protestantes e católicos, pelo poder na Europa e dos territórios e rotas ultramarinos. Internamente na Catalunha também havia revolta contra Filipe IV.

Foi por causa desta situação complicada que a Guerra da Restauração foi longa, mas fácil vencer.

O Tratado de Lisboa, 13 de fevereiro de 1668

Com esse tratado de paz, Portugal cedeu Ceuta a Espanha, que ainda hoje é uma cidade espanhola no Norte de África, na fronteira do Reino de Marrocos, mas garantiu a sua independência.

